

DA SINGULARIDADE DE UMA ILHA À DISTINÇÃO DE UMA PAISAGEM

MARIA DE JESUS MACIEL*

Resumo: No contexto das nove ilhas dos Açores, o Pico é uma ilha jovem. Ilha de constituição geológica recente, moldada pelo homem e pelo fogo, forma paisagens únicas que se completam no mar e que implicariam múltiplos trabalhos. É uma ilha de paisagens de pedra, sobretudo a Oeste. Uma paisagem de lava improdutiva onde o homem construiu uma rede de currais, plantou vinha e fez brotar um bom vinho, apreciado e celebrado: o verdelho. A distinção da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico é a distinção de uma paisagem construída por gente com uma extraordinária capacidade de organização de trabalho. Gente com a beleza de alma que representa «o triunfo do homem sobre as forças brutas da natureza»¹. É essa a sua maior distinção.

Palavras-chave: Açores; Ilha do Pico; Formação geológica e ação humana; Paisagem cultural da vinha e do vinho do Pico; Património Mundial.

Abstract: In the context of the nine islands of the Azores, Pico is a young island. Island of the recent geological constitution, shaped by man and fire, forms unique landscapes that are completed in the sea and that would involve multiple works. It is an island of stone landscapes, especially to the West. A landscape of unproductive lava where the man built a network of corrals, planted vines, and brought out a good wine, appreciated and celebrated: the verdelho. The distinction of the Pico Island Vineyard Culture Landscape is the distinction of a landscape built by people with an extraordinary capacity for work organization. People with the soul beauty that represents «the triumph of man over the brute forces of nature»². That is his biggest distinction.

Keywords: Azores; Pico island; Geological formation and human action; Cultural landscape of the Pico vineyard and vine; World Heritage site.

Uma paisagem que se impõe aos nossos olhos

e fascina-nos a ossatura despida de toda a carne, não pela impressão de monstruoso ou de atormentado, mas pela beleza intelectual, pela beleza superior e grave que é a das almas.

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*³

* Investigadora do CITCEM. Email: maria.maciel@sapo.pt. A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

¹ BRANDÃO, 2011: 95.

² BRANDÃO, 2011: 95. Tradução da autora.

³ BRANDÃO, 2011: 107.



Fig. 1.

A montanha do Pico
2351 m acima do
oceano

Fonte: Parque Natural
da Ilha do Pico —
Gabinete Técnico da
Vinha da Ilha do Pico

1. UMA PAISAGEM MOLDADA PELO FOGO

A Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico é uma Paisagem Património assente na singularidade de uma ilha. Ilha que tem o nome da montanha que a distingue. Uma ilha num contexto de nove ilhas dispersas — os Açores —, que emerge na amplidão do mar — a parte mais visível da dorsal do Atlântico, situada entre o continente europeu e o americano — na junção de três placas tectónicas — a americana, a euro-asiática e a africana.

São, portanto, ilhas inscritas no mar largo, longe dos continentes que lhes fazem margem, ora próximas, ora distantes, ilhas que por vezes na sua dispersão formam grupos, embora sempre distintas entre si. Ilhas de um arquipélago de origem vulcânica que se reflecte numa rica e vasta paisagem, onde a geodiversidade e de biodiversidade representam um importante património.

Da originalidade que cada uma das ilhas do arquipélago possui, a ilha do Pico é entre todas a mais singular, e que de todas se distingue pela sua juventude, força e imponência da sua montanha. Uma ilha que

na sequência de um vulcanismo intenso ocorrido ao longo da sua história geológica, emergiu tardiamente do mar e foi adquirindo uma morfologia diversificada, que se pode agregar em três grandes domínios: (1) a Montanha do Pico, a ocidente, (2) o planalto da Achada que se desenvolve desde a Montanha até a extremidade E da ilha e (3) o vulcão do Topo no lado sul... Os aspectos mais marcantes de cada uma destas áreas decorre do tipo de vulcanismo predominante que lhes está afecto⁴.

Como resultado, é uma ilha de múltiplas paisagens, de paisagens moldadas pelo fogo, queimadas pelos vulcões que, não só, em tempos antigos se sucederam, mas também em tempos históricos, quer contemporâneos do povoamento, quer mesmo

⁴ FRANÇA, 2002: 292.

séculos depois, que, em sequência obrigaram a um novo povoamento, em lugares de início preteridos. Uma paisagem a formar-se, numa contínua luta entre a força bruta da natureza que a fragilidade e a maleabilidade humana acabaram por dominar.

No desdobramento dessas paisagens geológicas em que se distingue uma grande e alta montanha, há picos e montes, crateras e lagoas, lajes e lajidos, morros e pontas, calhetas e calhaus, baías de calhau rolado, em que a areia só aparece pontual e esporadicamente, referenciando lugares como Areia Larga e a Prainha. Enfim, uma ilha que se prolonga a Ocidente num lastro enorme de lava.

2. UMA PAISAGEM MOLDADA PELO HOMEM



Fig. 2.

Pico — uma ilha de lava

Fonte: Parque Natural da Ilha do Pico — Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico

A ilha do Pico por ser a ilha de constituição geológica mais recente foi aquela que — à exceção da ilha do Corvo, mas por outras razões, — ofereceu mais dificuldades ao povoamento e, posteriormente a este, a uma luta contínua e diversificada pela sobrevivência. A tal ponto que até podemos perguntar se foi o homem que a moldou ou se foi ela, pela sua própria natureza que foi moldando o homem, à sua imagem e à sua força.

Os primeiros povoadores que um dia chegaram aos Açores viram-se confrontados com a nova realidade que se impunha, um ambiente muito diferente daquele que provinham, e no distanciamento de tudo, tiveram que criar condições para o seu enraizamento.

A vida na ilha do Pico acentuaria drasticamente essa verdade. Pela sua constituição geológica recente, apresentava características muito próprias que os obrigariam a um esforço maior. Decerto foi aquela que mais os desapontou, que mais dificuldades lhes ofereceu, pois, quando procuravam terras férteis para a cultura do trigo encontraram uma ilha de lavas, algumas bem recentes, que obrigaram a uma adaptação contínua e a uma luta enorme pela sobrevivência.

Das características desta ilha fala o nosso primeiro historiador Gaspar Frutuoso que a descreve no *Livro Sexto das Saudades da Terra* como «terra fragosa de biscoito,

pedraria viva, e não tem mais terra que a que se faz das folhas das árvores [...] e, pelos biscoutos que, com o fogo que por muitas vezes tem arrebrandado até agora [...] correram pela terra e cobriram grande parte dela»⁵.

O início do povoamento das ilhas dos Açores deu-se no reinado de D. Afonso V, com gente do continente português, particularmente alentejanos, algarvios, gente da Beira e do Douro, e à falta dela, — num reino minguido de gente — com flamengos, sobretudo para povoar as ilhas «terceiras», ou seja, aquelas que na sua conjuntura formariam os grupos central e ocidental do arquipélago. O Pico foi a última ilha do grupo central a povoar, com um povoamento lento devido às características apresentadas.

Os povoadores distribuía-se por vários estratos sociais, ou seja, arraia-miúda, alguns moiros, alguns judeus, tendo à sua frente, «meio cavaleiros, meio mercadores, que eram a nata da nossa burguesia», isto é, dos portugueses da segunda metade de Quatrocentos que «nada tinham dos portugueses que, cem anos depois, em plena febre de descobrimentos e conquistas, se lançariam a parasitar meio mundo»⁶.

Analisando este fenómeno, Nemésio chegaria até a afirmar que «os Açores são de facto um Portugal requintado porque receberam dêle a forma e o pensamento quando Portugal na verdade era uma fôrça em marcha»⁷.

Se a história mostra que os povoadores das ilhas estão ligados ao povo de onde vieram, indica também como se foram diferenciando destes pela necessidade constante de adaptação, ao viveiro insular. Por força das circunstâncias, desenvolveram, por vezes até ao limite, múltiplas capacidades onde sobrelevam a paciência, a resignação, a maleabilidade, a inventabilidade, a firmeza e uma tenacidade permanentes⁸. Competências mais que necessárias aos Homens do Pico, uma ilha onde era evidente a escassez de terra, a abundância de pedra e a falta de água.

Na contingência das ilhas e na presença do mar eterno, no isolamento de um meio limitado e restrito tiveram que se submeter à alimentação possível, tendo que tirar partido do que a terra lhes podia dar: «Come esta gente muito pouco pão por o não dar a terra; seu principal mantimento é abobras [...] dentabrum, raiz de erva [...] talos de funcho e nabos [...] e muitos figos e muito pescado.»⁹

Perante situações extremas, obrigaram-se a trabalhos vários na tentativa de desenvolver as potencialidades que a ilha lhes oferecia. Ilha que «Tem muito arvoredos: Cedro, pau branco, louro, faia, tamujo, urzes tão grandes como árvores, sanguinhos, zimbro e folhado, e da banda do norte [...] se acham teixos»¹⁰.

⁵ FRUTUOSO, 1978: VI, 289, 304.

⁶ NEMÉSIO, 1929: 9.

⁷ NEMÉSIO, 1929: 18.

⁸ Cf. NEMÉSIO, 1929: 8.

⁹ FRUTUOSO, 1978: VI, 303.

¹⁰ FRUTUOSO, 1978: VI, 303.

Talvez por isso, tendo em conta tais premissas, no seu estudo sobre *a açorianidade*, Nemésio assevera que não podemos conceber um tipo de açoriano, mas sim dois ou três. Um dos tipos agrupa-se «em tórno do habitante do Pico, que é, sob certo aspecto, a nata do insulano»¹¹.

Continua a sua tese justificando que «tem outro feitio, outra ética [...] em verdade nenhum açoriano se lhe avanta na concepção séria da vida, temperada embora por uma ingenuidade que é o segredo do seu triunfo nas lides a que se entrega»¹².

3. O HOMEM E O FOGO EM CONTRAPONTO



Fig. 3.
Formação lávica.
Mistério de S. João,
erupção de 1718
Fonte: Parque Natural
da Ilha do Pico —
Gabinete Técnico da
Vinha da Ilha do Pico

De uma ilha queimada pelo fogo Gaspar Frutuoso continua a falar:
«É toda a terra desta ilha mui áspera e muita parte dela coberta de biscouto»¹³,
consequência do fogo que muitas vezes rebentou e que correu pela ilha e a cobriu
de lava.

Mas não se ficaria por aqui. No século seguinte àquele que o historiador se refere, e outros posteriores, os seus habitantes seriam por vezes surpreendidos por novas erupções, dando origem a mais campos de pedra queimada e a todas as consequências daí resultantes.

Viveram em simultâneo com o fogo dos vulcões a queimar-lhe as casas e os campos, campos esses que criaram e organizaram aquando do povoamento. Depois do fogo se extinguir, houve que remodelar o restante e construir de novo. Aconteceu há 300 anos com as últimas erupções vulcânicas históricas de 1718-1719 e 1720 que afectaram as povoações de Santa Luzia e das Bandeiras, a Norte, de S. João e da Silveira, a Sul.

¹¹ NEMÉSIO, 1929: 12.

¹² NEMÉSIO, 1929: 14-15.

¹³ FRUTUOSO, 1978: VI, 302.



Fig. 4.
Formação lávica.
Mistério de Silveira,
erupção de 1720
Fonte: Parque Natural
da Ilha do Pico —
Gabinete Técnico da
Vinha da Ilha do Pico

Com mais estas parcelas de terra queimada, Santa Luzia aumentaria os campos de lava, a acrescentar a uma terra de lajidos. A Sul, em particular S. João, houve que reconstruir a freguesia num novo espaço e modificar o seu modo de vida, explorando para o pastoreio as terras altas da ilha. Delas, os habitantes fizeram boas pastagens, protegidas e abrigadas pela montanha. Criaram a indústria de lacticínios, tornando-os pioneiros e exímios fabricantes de queijo e manteiga, que a partir de então ficaram — e são — conhecidos nas ilhas e no continente português.

Uma paisagem moldada pelo homem, por vezes em contraponto com o fogo, sempre pronto a inventar novas soluções perante tanta adversidade.

4. UMA PAISAGEM QUE SE DESDOBRA NO MAR

A ilha do Pico é constituída por múltiplas paisagens que o fogo e o homem foram moldando através do tempo na sua tentativa hercúlea de a modelar. E delinearam-na até às rochas do mar.



Fig. 5.
Barco do Pico ao
aproximar-se de
um pequeno porto
improvisado
Fonte: Parque Natural
da Ilha do Pico —
Gabinete Técnico da
Vinha da Ilha do Pico

A luta desdobrou-se desde cedo em várias actividades que se prolongam no mar e no mar se completam. Houve que levar às outras ilhas e ao mundo o que a ilha possuía para complementar a carência de cereais. Assim, nas rochas negras do mar, o homem improvisou portos e portinhos e fez embarcadouros. Mais: foi ainda junto ao mar que abriu poços de maré, para ter água indispensável à vida de que a ilha carecia. Teve que ter vigor para dominar uma ilha de lavas recentes como teve que enfrentar o mar sempre presente e sempre necessário. Com persistência, resistência e arte dominou-a.

De tentativa em tentativa os habitantes tornaram-se exímios navegadores e, por fim, construtores dos seus próprios de barcos, que navegam nas ilhas, em particular para a mais próxima e para o mundo, escoando o que a terra dá, trazendo o que ela precisa.

A presença do mar é tão marcante que leva Nemésio a afirmar: «Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar.»¹⁴ E nesse aspecto, distingue o homem do Pico que «está sempre pronto para saltar à canoa à saga da baleia. É este o seu destino no mundo, o seu comêço e o seu fim»¹⁵.

Toda essa relação fortíssima com o mar marca presença hoje, e para o futuro, no Museu dos Baleeiros nas Lajes do Pico.

5. O VINHO NUMA PAISAGEM DE LAVA

A vinha e o vinho vieram na mente dos primeiros povoadores das ilhas desde logo despertos para experiências vitivinícolas nas ilhas então descobertas e a povoar. A terra para lavrar era tão escassa no Pico, particularmente na zona Oeste onde predominavam os campos de lava, que tiveram de procurar outras formas de subsistência. Era crucial essa atitude.

Atendendo às fontes orais, coligidas pelos cronistas, foi por intermédio dos frades franciscanos instalados no Faial que possuíam propriedades na ilha do Pico que, no início do povoamento, foram introduzidos alguns bachelos oriundos do Chipre e da Madeira. Segundo fontes citadas por Frei Diogo das Chagas¹⁶ teria sido o primeiro vigário da ilha, Frei Pedro Álvares Gigante, o introdutor da vinha no Pico.

Se o terreno era propício — ilha moldada pelo fogo, ilha coberta de lava que «ficou com aquela pedra mais quente, pera criar muito arvoredado e vinhas»¹⁷, possuía também um clima favorável, mais quente e menos húmido. Tanto que nos séculos seguintes aos do povoamento — XVI e XVII — as terras encontravam-se já cobertas de vinhedos, nas zonas de um primeiro povoamento, nomeadamente, a Sul, Santa Bárbara e Santa Cruz das Ribeiras e a Norte na vila de S. Roque do Pico.

¹⁴ NEMÉSIO, 1986: 407.

¹⁵ NEMÉSIO, 1929: 15.

¹⁶ CHAGAS, 1989: 256.

¹⁷ FRUTUOSO, 1978: VI, 304.

Gaspar Frutuoso acompanha o acontecimento e acentua: «Em toda a terra há muitas vinhas, que dão bom vinho, e melhor que em todas as ilhas.»¹⁸

Como a plantação da vinha teve sucesso estendeu-se a toda a ilha ocupando particularmente os lugares onde a lava predominava, pois devido à sua aridez e à consequente improdutividade não eram propícios a outras culturas.

Com características geoclimáticas propícias foi preciso criar um método para defender a plantação dos vinhedos das intempéries, utilizando a pedra solta que por toda a ilha existia, particularmente na zona Oeste, naquele descampado coberto de lava. Assim se formou uma rede de currais, protegendo a vinha do rocío do mar e dos ventos marítimos que o acicatam e que destroem as culturas. Para o sucesso da viticultura foi ainda fundamental a criação de uma rede de estruturas complementares feitas também de pedra, como os lagares, alambiques e adegas que de modo geral pertenciam às casas solarengas dos grandes proprietários. Houve que investir num bem essencial, então muito escasso, a água, criando poços de maré, assim como talhando na rocha pequenos portos para exportar o vinho e outros produtos.

Com certeza que «a endémica esterilidade cerealífera terá constituído um estímulo para que os investimentos agrícolas fossem direccionados para outros produtos, neste caso o vinho, complemento importante da dieta mediterrânica»¹⁹, produtos como o vinho, a água-ardente e a fruta garantiam uma viabilização comercial para a aquisição de cereais.

A dura luta pela sobrevivência fez germinar naquelas pedras negras um vinho por muitos apreciado e celebrado. Cantado nas voltas alegres da Chamarrita: «Esta Chamarrita nova, esta nova Chamarrita, bem cantada bem bailada, não há outra mais bonita.» E enquanto alegres bailavam, no despique das cantigas ao desafio, elogiavam o bom vinho, cantando:

*Este vinho é bom vinho
É dado na cepa torta
A uns faz perder o tino
A outros errar a porta*²⁰.

Vinho celebrado pelos poetas como Garrett que o cantou na sua fase arcádica «o rescendente Pico», como refere Vitorino Nemésio, confessando que «fui prová-lo pela última vez, vai já para vinte anos, no Alto da Nespereira, no Minho, em casa de Raul Brandão, que ostentava aquele lacre como um troféu da sua pessoal descoberta das *Ilhas Desconhecidas*»²¹.

¹⁸ FRUTUOSO, 1978: VI, 303.

¹⁹ COSTA, 1997: 195.

²⁰ Cantiga da Chamarrita, baile tradicional que expressa toda a vivacidade da gente do Pico.

²¹ NEMÉSIO, 1998: 107.



Fig. 6.
A Chamarrita bailada por grupo de crianças da Escola Primária de S. João em S. Miguel Arcanjo, Pico, 1957, na visita presidencial de Craveiro Lopes
Fonte: Fototeca Nacional — Palácio Foz, Lisboa. 54.155



Fig. 7.
Embarcações estrangeiras no Porto da Horta, ilha do Faial (século XIX)
Fonte: Parque Natural da Ilha do Pico — Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico



Fig. 8.
Vista para o canal Faial-Pico
Fonte: Parque Natural da Ilha do Pico — Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico

Contudo, este famoso verdelho, a partir de meados do século XIX, não resistiu às pragas, sobretudo à filoxera que ditou o fim de um ciclo económico, mas não o termo das experiências vitivinícolas, apesar de todas as vicissitudes, contratempes e mudanças que se sucederiam.

O caminho percorrido outrora continua hoje a motivar novas experiências. Ensaios que vão a bom ritmo, com vinhos de qualidade. Vinhos que espelham a história de uma ilha, ostentando nomes sugestivos e indicativos da história vitivinícola, ao longo do tempo. Entre eles Frei Gigante, Terras de Lava, Lajido, Maroiço, Curral Atlantis e ainda o célebre Czar, a lembrar o vinho verde que os veleiros ingleses levavam para a corte da Rússia.

6. A DISTINÇÃO DE UMA PAISAGEM, A DISTINÇÃO DE UMA GENTE

Numa ilha coberta de lavas, já Raul Brandão vira «uma beleza nova que é preciso encontrar — mas depois de encontrada, nunca mais nos larga...»²² Uma ilha que se impõe «pela beleza superior e grave que é a das almas»²³.

Ilha povoada por gente cheia de tenacidade e de espírito de luta que mais tarde sensibilizaria Nemésio ao ponto de dizer: «A impressão dominante em quem visita esta gente [...] É o milagre da organização do trabalho e da estrutura social ao mesmo tempo inflexível e extraordinariamente plástica.»²⁴



Fig. 9.

Crianças pisando uvas no lagar.
Família Dabney (século XIX)

Fonte: Parque Natural da Ilha do Pico —
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico

²² BRANDÃO, 2011: 108.

²³ BRANDÃO, 2011: 107.

²⁴ NEMÉSIO, 1998: 108.

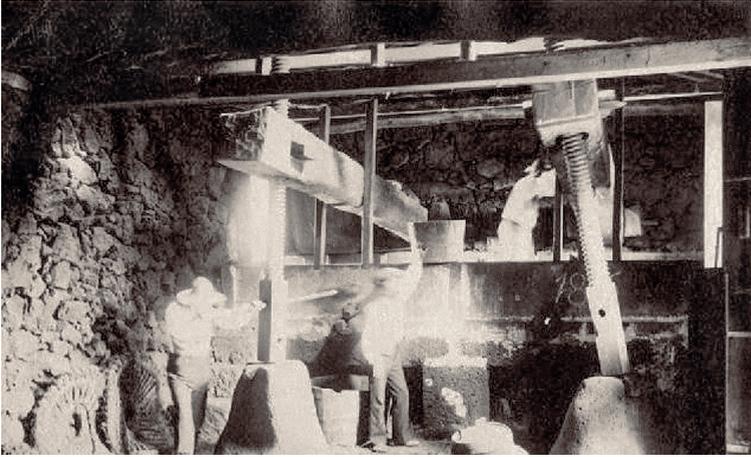


Fig. 10.
Esmecendo uvas no lagar. Família Dabney (século XIX)
Fonte: Parque Natural da Ilha do Pico — Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico

Foi esse milagre da organização do trabalho e a capacidade de o fazer em situações limite que cobriu toda a ilha de muros, alguns de grande extensão que formam caminhos do mar à serra. Que sustentou vários ciclos económicos. Que o levou a enfrentar o mar, porque foi necessário viver dele e através dele. Que fez brotar, num grande lastro de lava, um delicioso vinho.

E para que a vinha e o vinho germinassem naquele descampado de lava, as mãos humanas criaram uma paisagem de grande valia, única e universal que representa «o triunfo do homem sobre as forças brutas da natureza»²⁵: a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, integrada, em 2004, como Paisagem Cultural nos bens do Património Mundial da UNESCO.

Paisagem que cativa o nosso olhar. E que a ilha prolonga numa multiplicidade de paisagens de um passado poderoso em termos geológicos e humanos, que se desdobra a cada esquina da nossa história e nos vai contando o que o fogo e a mão do homem edificaram.

Devido ao «excepcional exemplo de adaptação das práticas agrícolas a um ambiente exigente» e através de «ações que protegem a geodiversidade, a biodiversidade e o património cultural e promovem uma arquitetura integrada», a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico obteve esta honrosa distinção.

Em 2019, a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico foi distinguida com o primeiro prémio na categoria de «Melhor Desenvolvimento de uma Paisagem Cultural de Relevância Europeia» dos European Garden Awards. Numa cerimónia realizada na Fundação Schloss Dick, na Alemanha, recebeu o prémio o director do Parque Natural da Ilha do Pico e do Gabinete Técnico da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, Manuel Paulino da Costa que aí esteve presente.

²⁵ BRANDÃO, 2011: 95.

FONTES

Arquivo dos Açores (1878-1959). Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1980-1984. 15 vols. Edição fac-similada da edição original.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Raul (2011). *As Ilhas Desconhecidas — Notas e Paisagens*. Lisboa: Quetzal Editores.
- CHAGAS, Frei Diogo das (1989). *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores*. Angra do Heroísmo: SREC.
- CORDEIRO, Padre António Cordeiro (1981 [1717]). *História Insulana das Ilhas a Portugal Sujeitas no Oceano Ocidental*. Angra do Heroísmo: SREC. Edição fac-similada da edição de 1717.
- COSTA, Ricardo Manuel Madruga da (1998). *Nas rotas do Verdelho e outras evocações. On the Verdelho Route and the other evocations*. São Roque: Publiçor.
- COSTA, Susana Goulart (1997). *Pico. Séculos XV-XVIII*. Lajes do Pico: Associação de Municípios da Ilha do Pico.
- DUARTE JÚNIOR, Tomaz (2001). *O Vinho do Pico*. [Ribeira Grande]: [Coingra, Lda.].
- FRANÇA, Zilda Terra Tavares de Melo de (2002). *Origem e evolução petrológica e geoquímica do vulcanismo da Ilha do Pico — Açores*. São Roque do Pico: Câmara Municipal de S. Roque do Pico.
- FRUTUOSO, Gaspar (1978). *Livro Sexto das Saudades da Terra*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, livro VI.
- GUERRA, Rodrigo (1980). *A Americana*. Angra do Heroísmo: DRAC. (Coleção Gaivota; 8).
- LARANJO, João Augusto (1927). *O Pico*. «Brotéria». Número especial sobre agricultura, 32-53.
- MACEDO, António Lourenço da Silveira (1981 [1871]). *História das Quatro Ilhas que formam o distrito da Horta*. Angra do Heroísmo: SREC. 3 vols. Edição fac-similada da edição de 1871.
- MENESES, Avelino Freitas de (1998). *O Município da Madalena (Pico), subsídios para o seu estudo*. Madalena: Câmara Municipal da Madalena.
- NEMÉSIO, Vitorino (1929). *O Açoriano e os Açores*. [Porto]: Renascença Portuguesa.
- NEMÉSIO, Vitorino (1986). *Açorianidade*. In GOUVEIA, Margarida, *intro. e org. Vitorino Nemésio — Estudo e Antologia*. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, pp. 406-407.
- NEMÉSIO, Vitorino (1998). *Corsário das Ilhas*. 3.^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (Obras Completas de Vitorino Nemésio; XVI. Jornal de Vitorino Nemésio; 3).
- NEMÉSIO, Vitorino (2014). *Mau Tempo no Canal*. Santa Maria da Feira: Relógio D'Água.
- RAVINA, Agustín Guimera (1986). *Las islas del vino (Madeira, Azores y Canarias) y la America inglesa durante el siglo XVIII: una aproximación a su estudio*. In *Coloquio Internacional da Madeira, 1986*. Funchal: Direção Regional da Cultura, vol. II, pp. 900-934.
- ROSA, Nunes da (1998). *Madrugada entre ruínas*. Horta: Câmaras Municipais do Triângulo.
- SANTA RITA, António José Vieira (1867). *Relatório apresentado pelo governador civil do districto administrativo da Horta António José Vieira Santa Rita, à Junta Geral do mesmo Distrito na sessão ordinário de 1867*. Horta: Typ. Hortense.
- SILVA Manuel Ribeiro da (1951). *A Ilha do Pico sob o ponto de vista vitivinícola*. «Boletim da Comissão Regularizadora dos Cereais do Arquipélago dos Açores». XIV, 45-58.
- SOUSA, João Soares de Albergaria e (1995). *Corografia Açórica: descrição física política e histórica dos Açores*. Ponta Delgada: Jornal de Cultura. Primeira edição: 1822.
- SOUSA, Paulo Silveira e (2004). *Para uma história da vinha e do vinho nos Açores*. «Boletim do Instituto Histórico da Terceira». LXII, 115-217.
- VELOSO, Ana Luísa (1988). *A Ilha do Pico e a paisagem dos muros negros*. Horta: Direção Regional de Turismo.

WEBGRAFIA

<http://siamam.azores.gov.ptpatrimónio/cultural/vinhas-pico/intro.html>